

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRAÇA, Lda.

EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

A BOA MUSICA



ELA — Gosta de musica?
 ELE — Muito. Mas não faz mal, pode continuar...

PALESTRA AMENA

Não ha mal que por bem não venha

Quando se fizer o balanço d'este periodo terrivel da guerra, nós verificaremos, como é naturalissimo, que ela nos custou os olhos da cara, a perda de alguns portuguezes—para não ir mais longe, os que bravamente se bateram em Angola com os alemães—sangue, lagrimas e dinheiro. E' muito, muitissimo, não ha duvida. Mas como não ha medalha que não tenha reverso, verificaremos, tambem, que a guerra nos trouxe uma grande, uma enorme vantagem. E essa será a paz interna.

Diz-se que ninguém é profeta na sua terra e eu não ando n'este mundo para continuar os sabios preceitos da Sabedoria das Nações; mas aposto dobrado contra singelo como não me engano n'este vaticinio.

O congraçamento da familia portugueza, já largamente esboçado, tem de ser, dentro em breve praso, um facto irrecusavel. Leva geitos d'isso a atitude das duas partes beligerantes—o republicano e o talassa.

E ainda bem! Já não é sem tempo, cavalheiros. Seis anos de tricas, de discussões, de sarrafuscas, saturavam-nos a todos de tedio. Basta! E é com desvanecimento que nós vêmos esta coisa agradabilissima: que se apertam mãos que ha anos se não encontravam, que se falam criaturas ainda ha pouco indifferentes, pelo menos indifferentes, que odios e paixões vão cedendo logar a um convivio cerimonioso mas cordeal.

Quem produziu este milagre?

Uma sábia política acalmadora? Ora adeus! A cedencia de uma só polegada no terreno de cada um dos beligerantes? Tambem não.

O que está produzindo este abençoado milagre é o perigo que nos ameaça a todos, o perigo nacional—a guerra, emfim.

Ela bateu-nos á porta quando cá dentro todos faziamos barulho, barafustando uns com os outros. E bastou esse trus-trus ao nosso ferrolho para que acabassem as tricas e os odios e começassem a olhar uns para os outros como irmãos, filhos da mesma mãe amantissima—a Patria.

Vamos para a guerra? Pois vamos, todos, republicanos e talassas, todos portuguezes, todos ardidados d'este sagrao ideal da defeza da nossa terra.

"A guerra é aquele monstro..."

E', é. Mas tambem sucede ás vezes ser uma excelente

peessoa.
Ou não?

João Ripanso.

NUM COMICIO

O orador —Companheiros: abaixo a exploração! Abaixo o capital! Abaixo os bancos! Um ouvindo —Os bancos! E então em que é que a gente se ha-de sentar?

Roubos

Ao emprezario do teatro Republica, o excelente visconde de S. Luiz Braga, roubaram ha dias os gatunos uma estatueta que valia os seus trezentos escudos.

Anda com pouca sorte, o nosso amigo: ha um mez roubaram-lhe o Rafael Marques para o Eden e agora aquele objeto artistico!

E ambos de alabastro...

Amabilidade



—Não posso dançar consigo esta valsa, porque estou comprometida. Mas vou apresentar-o a esta formosa joven...

—Perdão, eu não quero joven nem formosa; eu quero mas é dançar consigo.

Poeta infeliz

Ha em S. Pedro do Sul um poeta muito desgraçado: é o general reformado sr. Francisco Menezes, que de cada vez que publica uma poesia apanha uma sova, chegando a coisa a ponto da população requerer a saída do homem para parte onde lhe não façam danos.

Não lemos nenhuma das poesias provocadoras das sovas, mas fazemos idéa do que serão, para taes indignações acenderem.

Mais uma vez a provincia dá lições á capital: andamos com panos quentes, a pedir desculpa aos maus poetas por não lhes publicarmos as borracheiras ou a manda-los para as Torres do osso e do chfre, quando seria muito mais radical o sistema de S. Pedro do Sul.

Um pontapé bem puxadinho por cada baboseira em verso que por aí se publica e veriamos como os pequenos tomavam emenda!

Orações funebres

A noticia de que a grande Duse estava perigosamente enferma—morta talvez, quando estas linhas correrem mundo—afligiu naturalmente todos os cultores e admiradores das belas letras e foi durante muitos dias o assunto das conversas dos bastidores de todos os teatros do mundo, onde se lamentava a sorte da grande tragica—e lamentava sinceramente porque da Duse é que nunca atriz alguma se atreveu a dizer mal.

A reportagem indigena não perdeu a ocasião de colher impressões, incluida a do *Seculo Comico*, que nos trou-

xe dos nossos teatros as seguintes linhas ácerca do lamentavel acontecimento:

Desaparece com Duse a unica atriz que nos faz sombra...

AUGUSTA CORDEIRO.

Sim, tinha talento, mas não falava tão bem francez como eu.

MARIA PIA.

Deixa um vacuo, mas póde preencher-se, ao passo que se fosse eu como me poderiam substituir?

LUIZ PINTO.

Era de estomago fraco; nunca seria capaz de digerir uma boa posta de balcalhau.

JOAQUIM COSTA.

Para mim só tinha um defeito: não ter sido aluna do nosso Conservatorio.

AUGUSTO MELO.

E' uma grande perda, mas não chorem porque eu estou aprendendo italiano a toda a pressa.

PALMIRA TORRES.

Coitada! Que pena ela terá se morrer sem nunca ter representado no Eden!

HENRIQUE ALVES.

Era digna de representar comigo.

AUGUSTO ROSA.

Que boa memoria tinha aquela mulher!

EDUARDO BRAZÃO.

A Duse? bem sei; é uma colega que tem muita piada...

ANGELA PINTO.

Dêmo-nos sempre perfeitamente. Era feia, vestia mal, tinha uma mancha grisalha no cabelo, mas tinha talento; pelo menos, parecia.

LUCINDA SIMÕES.

Se ela quizesse vir para o Ginasio, dava-lhe sessenta mil réis por mez.

MENDONÇA DE CARVALHO.

Conheci muito bem. Pedi-lhe uma vez cinco tostões emprestados.

JOÃO LOPES.

Entre ama e creado



—O' Antonio, parece-me que o seu fraco é o vinho.

—O meu fraco! O' minha senhora, mas o vinho é precisamente o meu forte!

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

A higiene em campanha

Ha dias, meninos e meninas, o meu mestre colega na ciencia, sr. Ricardo Jorge fez uma conferencia com o titulo d'esta minha, erudita sem duvida, mas deficiente, ouso dizer-lo, porque áquele professor falta uma qualidade que me sobra:—o descaramento.

A higiene em campanha, queridos ouvintes, é, primeiro que tudo, uma leria. Aqueles banhos diarios a que estais habituados, a roupinha lavada, a barba feita, a lavagem dos dentes, o tratamento das unhas, etc. etc., tudo isso desaparece, porque em tempo de guerra não se limpam armas e o soldado não é mais do que uma arma.

E' uma leria, repito, mas não deixa rei de citar alguns preceitos que escaparam ao meu já referido colega e que, mais ou menos, se podem seguir.

A infeção pelo ferimento de bala ou de espada é o mais de reccar em combate, não é verdade? Pois bem; não deve o soldado consentir a perfuração de projctil que não tenha sido previamente passado por uma solução de sublimado, e assim deve praticar tambem com relação á ponta e gume dos instrumentos cortantes.

Como pode acontecer que para o campo o soldado não possa levar o seu colchão de arame nem roupa de cama convenientemente desinfetada, e se veja obrigado a dormir na terra, deve borriifar esta, antes de se deitar, com um desinfetante qualquer, evitando ler, para chamar o sono, os artigos do sr. Alpoim, porque, n'esse caso, a infeção seria imediata.

E' o que tenho com mais importancia a dizer-lhes, com a franqueza que me caracteriza, tanto mais quanto estou convencido de que nada lhes aproveitarão estes conselhos, visto que não excedendo nenhum dos meus ouvintes a idade dos 15 anos, a guerra européa já não existirá quando os meninos presentes chegarem á idade militar, e é a esta que me refiro.

Tenho dito e peço-lhes o favor de não aplaudirem, porque estou muito constipado.

Bonaparte

(Aluno do Ilceu Camões).

O esperanto e a guerra

No numero das linguas em que se permite escrever pelo correio, não figura o esperanto, pelo que a Lisboa Societo representou ao presidente do ministerio reclamando, com varios fundamentos, mas faltando-lhes alguns, que seriam os mais convincentes.

Primeiro, o esperanto é uma lingua inofensiva, sem o menor caracter bellico; depois, quem escreve em esperanto anda tão afastado das coisas mundanas que certamente nem sabe que estamos em guerra; finalmente, não ha pessoa alguma que responda a uma carta escrita em esperanto, porque ao lê-la fica madurinha.

**NORTON DE MATOS**

Entrando agora Portugal na guerra
O titular da pasta respetiva
Tem cabimento na secção festiva
Que é tão apregoada em toda a terra.

Da cidade mais bela á rude serra
Vendo no «Foco» essa figura altiva
Hão-de sanda-la n'um imenso «viva»
Na Russia, França, Italia, em Inglaterra...

Pode um homem ser grande no talento
Fazer proezas n'uma luta armada,
Ser até modelar no sentimento,

Emquanto a voz potente e autorisada
Do antigo e respeitavel «Suplemento»
«Em Foco» o não cantar... não vale nada!

BELMIRO.

Tio modelo

Conversavam ha dias dois estudantes á mesa de um café, na Baixa:

—Que bom homem é o teu tio Jeronimo!

—Excelente! Está tão acostumado a pagar as minhas dividas, que quando lhe aparece em casa algum desconhecido, leva maquinalmente a mão á algibeira da carteira e pergunta: Quanto lhe deve ele?

E merece-o!

Na Boa-Hora compareceu ha dias um cidadão de Lava-rabos como testemunha n'um processo muitissimo bicudo, que até por sinal nem sabemos de que se tratava.

Na altura devida, o juiz interrogou-o:

—Vocemecê é casado?

—Sim senhor.

—Com prole?

—Não senhor. Com Maria Candida.

—Perdão, com prole quer dizer com filhos.

—Ah!, sim senhor. Tenho um prole e uma prola.

Está aqui está na secção de ciencias naturaes da Academia Cabreira.

Os sustos luso-hispan'cos

Em Las Palmas, ao que diz um telegrama de ali, uma vidente anunciou que um paiol de polvora que existe no bairro Los Rohoyas faria explosão durante a noite. Todos os habitantes do bairro fugiram, deixando as casas abandonadas.

Tal qual como aconteceria cá, apenas com uma diferenca: é que os nossos fugiriam, mesmo que no bairro não houvesse paiol algum.

Tableau!

N'um dos ultimos chás-tangos do Jardim Zoologico parece que se deu uma cena muito interessante.

Um joven recentemente chegado dos Brazil e que engraca muito com as portuguezinhas, virou-se para um cavalheiro a quem fôra recentemente apresentado, e disse lhe:

—Vê aquela loura? Estou doido por ela.

—Deveras?

—E vou-lhe pedir uma entrevista.

—Peço-lhe que me conte depois o que se passar.

—Porque?

—Porque sou o marido d'ela.

Retalho de conversa

—... Olha lá, o teu filho Ernesto?
—Está em Paris; dedica-se á pintura.

—A que genero?

—A um genero muito elevado.

—Faz as decorações do Panteon?

—Não, está pintando a torre Eiffel.

N'um consultorio medico

Um primo do Marques, que é muito parecido com ele, deu em neurasténico.

Foi ha dias consultar um medico que lhe aconselhou repouso absoluto, que não se preocupasse com coisa alguma e se distraisse.

—Então, sr. doutor, tenho que deixar de fazer qualquer trabalho de cabeça?

—Sim senhor.

—Mas isso é impossivel.

—O senhor é escritor?

—Não senhor, sou cabeleireiro.

Boa piada

Um maduro de bom gosto escreveu-nos uma carta deveras chistosa, a que não damos publicidade por motivos que facilmente se compreendem.

Mas isso não obsta a que dêmos a assinatura e o herbicacho que a acompanha, que é de primeirissima ordem:

Fulano de Tal dos Anzoes,*Revolucionario civil miliciano*

E' de força, o cavalheiro!

O nosso Cabreira

Antonio Cabreira chama na sua Academia imbecis e maldosos aos que lhe vão á mão sempre que ele diz ou faz tolices. A ultima vez que o homemsinho se zangou foi quando lhe falaram no Curso Militar que Cabreira fundou no antigo Real Instituto de Lisboa.

O' demonio, que tal disseste! Cabreira, que não quer que ninguém se lembre de que ele era miguealista dos quatro costados—o Instituto até se chamava *19 de Setembro*, data do aniversario de D. Miguel,—des-temperou.

Chamem-lhe republicano historico que aquilo passa-lhe.



Uma descoberta ratôna

(1.º Episodio da 9.ª parte do PÉ FATAL)



1.—Manecas é incumbido, por um oficial inglês, de fazer ir pelos ares, às 14 horas prefixas, uma trincheira dos alemães.



2.—Estudado o problema, Manecas arma uma ratoeira



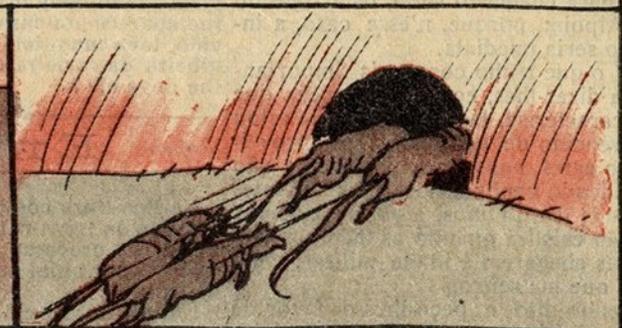
3.—e os ratos, penetrando logo com a sua proverbial erteza, tomam lugar na ratoeira por espontanea vontade



4.—e deixam-se engatar a uma bomba, á qual o Manecas aplica o maquinismo d'um relógio, em comunicação com o seu percutor.



5.—Soltos os simpaticos roedores, e preparado o engenho para produzir os seus efeitos á hora determinada...



6.—Lá enfiam eles por uma brecha da trincheira inimiga.



7.—O oficial inglês e o Manecas prescrutam o horizonte com o coração tefe-tefe.



8.—14 horas prefixas !!!